



A CRÍTICA POLÍTICA DO SAN FRANCISCO MIME TROUPE AO IMPERIALISMO ESTADUNIDENSE NO PRIMEIRO MANDATO DE GEORGE W. BUSH: UMA LEITURA DA PEÇA *DOING GOOD* (2005)

SAN FRANCISCO MIME TROUPE'S POLITICAL CRITIQUE OF THE AMERICAN IMPERIALISM IN GEORGE W. BUSH'S FIRST TERM: A READING OF DOING GOOD (2005)

Diana Sution Lee

RESUMO - Este artigo apresenta o San Francisco Mime Troupe e discute o imperialismo estadunidense, em países como o Equador, a Indonésia, o Panamá e o Irã. O coletivo teatral, na peça *Doing Good*, ao traçar um panorama de significativos eventos históricos, desde a Guerra do Vietnã aos dias atuais ao público no ano de 2005, denuncia, em sua sagaz crítica política, a violenta pilhagem feita pelos Estados Unidos aos povos ao redor do mundo e pedem alteração dessa melancólica realidade.

PALAVRAS-CHAVE - Imperialismo estadunidense. Pilhagem. Crítica política. San Francisco Mime Troupe.

ABSTRACT - This study presents San Francisco Mime Troupe and addresses US imperialism in countries such as Ecuador, Indonesia, Panama and Iran. The troupe, in the *Doing Good* play, by providing an overview of significant historical events, from the Vietnam War to the public's present day in 2005, denounces, in its sharp political critique, the violent plunder carried out by the United States



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

against the peoples around the world and demands a change of this sad reality.

San Francisco Mime Troupe, companhia teatral mais antiga de São Francisco, na Califórnia, é um coletivo teatral estadunidense com sessenta e cinco anos de existência em 2024. Fundado em 1959 por Ronnie G. Davis, o grupo é pioneiro do teatro político na Califórnia ao protestar em barricadas contra o racismo e a ganância das grandes corporações nos anos 60. Assumindo a identidade de teatro alternativo e independente, em oposição ao teatro comercial da Broadway, a trupe foi produto da Nova Esquerda e da contracultura, contra a guerra no Vietnã e a favor do movimento pelos direitos civis.

A década de 1960, marcante na história estadunidense pelo questionamento cultural do *establishment* pelas massas, também presenciou protestos estudantis e o movimento pela liberdade de expressão. Eis quando ocorreu o renascimento do teatro político. Em Nova Iorque, a Off-Broadway e a Off-Off-Broadway abriram espaço para companhias experimentais como o The Open Theater; e outros grupos como El Teatro Campesino e Bread and

KEYWORDS- American imperialism. Plunder. Political critique. San Francisco Mime Troupe.

Puppet foram criados nos Estados Unidos.

Foi desse movimento de teatro radical dos anos 1960 que também surgiu o San Francisco Mime Troupe. O coletivo multiétnico teve no teatro de guerrilha a base para apresentar peças que ensinassem e fossem exemplos para a mudança social, montando, por exemplo, duas peças de Brecht (**A Exceção e a Regra** em 1965 e **A Mãe** em 1973). Em mais de seis décadas de história, já retratou várias transformações na sociedade estadunidense, através de pantomima, *commedia dell' arte*, teatro de marionetes, espetáculo de menestréis, dentre outras tradições populares.

As apresentações atuais são feitas no verão, que datam do Dia da Independência ao Dia do Trabalho estadunidense (4 de julho à primeira segunda-feira de setembro), ao ar livre, em parques na Baía de São Francisco, onde os artistas, ao final das performances, passam o chapéu entre o público para quem puder contribuir com doações de qualquer valor. Caso queiram, os espectadores também podem assistir aos espetáculos



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

gratuitamente. Esse teatro gratuito foi fundado sob o nome de R. G. Davis Mime Troupe depois da chegada de Davis em São Francisco. Ele preferiu a cidade californiana em detrimento de ficar em Nova Iorque, pois queria se juntar ao movimento hippie pós-*beatnik*. Um ano antes, em 1958, Davis passou uma temporada na França estudando mímica com Etienne Decroux.

No texto “Método na mímica” de 1962, Davis distingue pantomima da mímica. Marcel Marceau era representante do primeiro e Charlie Chaplin do segundo. Ao comparar os gêneros, Davis destacou o artista da pantomima como “mais próximo da dança, geralmente mascarado e mudo,” que se “move para a música, lidando com o ‘nada lá,’” devendo “comunicar seu objeto de cena para contar uma estória”, o que faz com que “encantado, o espectador adivinhe ‘O que ele tem aí?’”, enquanto o mímico é “mais próximo da arte dramática, pode falar e cantar, e move-se para atuar,” manipula objetos de cena tangíveis, “para comentar a estória, e estimulado, o espectador pensa ‘O que é que ele tem aí significa?’”. Após defender a possibilidade de usar tanto a pantomima quanto a mímica, ele conclui o artigo optando

pela mímica (como diz a trupe atualmente, Mime no nome pode causar confusão, mas não é um coletivo silencioso), pois no teatro deve transparecer a comunicação e o atuar. A atuação mostrou-se relevante também quando Davis depois participou do *San Francisco Actors’ Workshop*, que tinha sido fundado em 1952 por Herbert Blau e Jules Irving, dois professores universitários interessados em apresentar peças de Edward Albee, Harold Pinter, Jean Genet, John Arden, John Osborne, John Whiting, Samuel Beckett e, principalmente, de Bertolt Brecht, ajudando Davis na formulação de seu conceito de teatro como educação, que se aproxima do

intuito didático do teatro brechtiano, à intenção de apresentar um “palco científico” capaz de esclarecer o público sobre a sociedade e a necessidade de transformá-la; capaz ao mesmo tempo de ativar o público, de nele suscitar a ação transformadora. (ROSENFELD, 2004, p. 148).

Davis defendia, portanto, um teatro radical e independente, em oposição a um teatro institucional e comercial. No lugar de um teatro **superficial**, o teatro estadunidense deveria ser um ‘teatro de guerrilha’, um teatro que fosse um exemplo de mudança, pois



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

a sociedade dos Estados Unidos na década de 1960 era desumana ao ponto de não se importar com o napalm lançado dos aviões B-52 sobre os camponeses vietnamitas. Esse teatro, partindo da premissa “A sociedade ocidental está podre em geral, a sociedade capitalista principalmente e a sociedade dos Estados Unidos especificamente”, pode direcionar para a mudança social, pois sabemos que o cerne do capitalismo é a propriedade privada.

A crítica a essa sociedade doente aparece na reflexão de Davis sobre os dez primeiros anos da trupe e permeia as peças do San Francisco Mime Troupe (nome oficial desde 1963). “A Minstrel Show, or Civil Rights in a Cracker Barrel”, de 1965, que teve sua estreia em um pequeno teatro por problemas na liberação de permissão do uso dos parques públicos, é a peça mais famosa dessa década do renascimento do teatro político nos Estados Unidos, cujos temas de racismo institucionalizado e direitos civis incomodaram o país. A trupe também fez história ao encenar *L’ Amant Militaire* (1967), com roteiro adaptado por Joan Holden da peça escrita por Carlo Goldoni. As personagens encontram-se numa guerra entre Itália e Espanha, mas nas

entrelinhas o público percebeu que na verdade a comédia era sobre a Guerra do Vietnã. As mensagens de protesto contra esta guerra saíram em especial das falas da personagem Corallina (“Escutem, meus amigos – vocês querem que algo seja feito? Bem, então, façam vocês mesmos!”) e do boneco Punch (“Inferno não, nós vamos não.”)

O SFMT é notório por ter sido o primeiro grupo a apresentar peças *commedia dell’arte* na costa oeste estadunidense, por ter sofrido com a censura ao suposto linguajar “vulgar” das suas peças na década de 1960 e pela prisão de Davis em uma apresentação de **Candelaio** em 1965.

A importância de R.G.Davis à trupe é inestimável: ele adaptou, escreveu e dirigiu. Entre 1961 e 1969, ele foi o diretor de pelo menos uma peça por ano. Algumas dessas peças em ordem cronológica: *Act without words*, *The Dowry*, *Ubu King*, *Along Comes a Spider*, *Tartuffe*, *Olive Pits*, *The Condemned* de Jean-Paul Sartre, *The Farce of Patelin* e *The Congress of Whitewashers or Turandot* do Brecht.

Entretanto, a liderança de Davis começa a ruir. O não à centralização de tomada de decisões por parte de Davis começou no fim da década de 1960.



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

Em 1967, ele recrutou intelectuais da esquerda para adaptar material e procurava um dramaturgo fixo, mas demitiu os artistas amadores, com a justificativa de que queria apenas atores comprometidos com a derrubada do capitalismo. Nos dois anos seguintes, a trupe passou a experimentar várias formas de organização gerencial, até que o grupo decidiu ser de fato um coletivo, em que os trabalhadores controlassem os meios de produção. Davis saiu do grupo em 1970 e apenas alguns membros que ajudaram-no a criar a trupe continuaram.

Um dos membros dessa nova organização da trupe foi Joan Holden. Ela permaneceu na companhia de 1967 a 2000, sendo considerada até hoje uma das principais dramaturgas nesse grupo multicultural. Recém-falecida, a escritora que viveu por 85 anos, está sendo homenageada por sua obra satírica dentro da trupe. Com o lema de que “Toda arte é política”, as peças da década de 1970 aprofundaram a ideia de direcionar a sociedade para a mudança social, com o intuito de abrir os olhos da classe trabalhadora de que os ricos da elite só se interessam pelos seus próprios interesses. Para isso, os artistas podem sugerir ações

revolucionárias ao público. Segundo Holden, compete aos revolucionários fazer uso da comédia para imaginar uma nova sociedade e cabe à arte o trabalho de comunicar esse pensamento.

Tal pensamento está presente em peças como *The Dragon Lady's Revenge* (1971) sobre a Guerra na Indochina e o lucro estadunidense com o ópio; *Frozen Wages* (1972) acerca do congelamento de salários no governo de Richard Nixon; *Frijoles, or Beans to you* (1975) que traça um paralelo da exploração do agronegócio em cima dos proletários tanto nos Estados Unidos quanto nas *Bananalands* (países da América Latina); e *False Promises/Nos Engañaron* (1976) sobre o imperialismo estadunidense no fim do século XIX (anexação de Porto Rico, Filipinas e Guam em 1898) para, na verdade, discutir sobre democracia, racismo e luta dos trabalhadores pelos seus direitos nos Estados Unidos da década de 1970.

Com a ascensão de Ronald Reagan ao poder, a Reaganomics, a Guerra Fria e o neoliberalismo marcaram a década de 1980. As revistas em quadrinhos mostravam os heróis salvando os medrosos cidadãos do fim do mundo e foram inspiração para a trilogia



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

Factwino Meets the Moral Majority (1981), *Factwino vs. Armageddonman* (1982) e *Factwino: The Opera* (1985). A terceira peça, escrita por Joan Holden *et al.*, com letra e música de Bruce Barthol e Glenn Appell, dirigido por Sharon Lockwood e Daniel Chumley, e encenado por vários atores como Shabaka Henley, Audrey Smith, Wilma Bonet, Joaquin Aranda, combinou em dois atos as duas peças anteriores. A primeira peça mostra o superherói Factwino lutando com Jerry Falwell e a Nova Direita Cristã. Através do Espírito da Informação, a personagem Sedro adquiriu o poder de fazer as pessoas refletirem sobre os absurdos propagados pela mídia de direita (temas como homofobia, aumento do orçamento de defesa e redução da verba para serviços sociais, por exemplo), transformando-se em Factwino. No final da peça, nosso herói é sequestrado pelo vilão Armageddonman. Em *Factwino vs. Armageddonman*, sabendo que o poder de Factwino só funciona quando este está sóbrio, o vilão – que representa a guerra e os negócios – injeta álcool no herói. A Bibliotecária consegue fazer as pessoas voltarem a pensar por si mesmas. Factwino recupera-se,

mas se aposenta, pois percebe que o que a Terra precisa para ser salva é exatamente o livre pensamento e discurso.

Na década de 1990, a trupe com vários membros já na casa dos 40 anos, decidiu que era o momento de levar o seu discurso às gerações mais jovens com o recrutamento de atores cuja idade fosse em torno dos 20 anos, legado deixado até hoje: a San Francisco Mime Troupe tem os *workshops* que treinam artistas com idade universitária e o Youth Theatre Project voltado aos estudantes do ensino médio. É dessa década que saiu *Back to Normal* (1991) em resposta à grande aprovação inicial da população estadunidense à Guerra do Golfo promovida pelo presidente Bush Pai, que fazia uso de desculpas esfarrapadas para a invasão do Iraque como em: “A Operação Tempestade no Deserto é o alvorecer da Nova Ordem Mundial da justiça e da liberdade, onde a força não pode dar mais certo.”

As mesmas tergiversações fizeram parte do governo do democrata Bill Clinton. A peça *Offshore* de 1993, inspirada, segundo o diretor Dan Cumley, pelas notícias da exigência da Organização Mundial do Comércio às nações para eliminar as



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

barreiras do comércio internacional. Mais uma vez a exigência globalizada de livres mercados e fim e/ou redução de subsídios à indústria e agricultura prejudicou, por exemplo, trabalhadores dos países asiáticos e os pequenos agricultores da Califórnia. Como sempre, o que é bom para a elite não o é para o povo. Contudo, o discurso neoliberal não mudou e tenta disfarçar as enormes desigualdades sociais nos Estados Unidos e no resto do mundo.

O mundo nesse mesmo ano testemunhava a discussão sobre o NAFTA. A fim de discutir sobre as desvantagens do capitalismo para os trabalhadores, os autores Joan Holden, Chung Chiao, Pat Lee, Keiko Shimosato e Michael Sullivan, na Cena 3 do Ato 2 de *Offshore*, escreveram sobre o uso do dinheiro para poluição ambiental dos países em desenvolvimento, lucro das multinacionais estadunidenses com construção da represa no Rio Yangtzé na China e consequente êxodo rural dos humildes e pobres camponeses forçados a buscar subempregos nas cidades, triste realidade imperialista que se repete até hoje.

San Francisco Mime Troupe no século XXI: era Obama aos dias atuais

Para que essa realidade mude, os norte-americanos precisam saber votar. Por isso, a trupe e os Estados Unidos voltam suas atenções para a eleição de 2008. O recado da peça *Red State* é que qualquer voto pode fazer a diferença. Barack Obama vence o candidato republicano John McCain e assume o governo de um país em crise. Todas as oito peças da era Obama continuam a denunciar os erros políticos e as mazelas socioeconômicas da sociedade capitalista estadunidense: novamente os trabalhadores (e não os ricos nem as grandes corporações) os que mais sofreram com a crise financeira de 2008, logo, tanto os proletários de São Francisco quanto os da cidade imaginária de Posibilidad na Argentina deveriam se apossar das fábricas, retirando-as de donos corruptos e transformando-as em coletivos.

Daí a importância de coletivos como San Francisco Mime Troupe e o Theatre Bam para fazer teatro político que denuncia a opressão do capitalismo. Ambas as companhias (sobre)vivem sem patrocínio, pois a representação de questões sociais nos palcos nunca foi do interesse



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

das multinacionais. O sistema capitalista infelizmente é aquele em que as grandes corporações prejudicam os trabalhadores: “envenenam nossa comida e ar, nos levam à falência, nos despejam de casa, destroem os nossos direitos civis e enfraquecem a nossa democracia”.

A falta de democracia e os outros malefícios provocados pelas grandes corporações e pelo sistema financeiro foram pauta do Movimento Occupy, tema de *For the greater good* (2012). O bem maior em prol da população e do meio-ambiente, por exemplo, nunca foi interesse das petrolíferas e empresas de energia como a Chevron. São elas que fazem o lobby político. Tanto a água como o petróleo são tratados como *commodities* e o presidente em *Oil and Water* aprova o Keystone Pipeline em 2013. No ano seguinte a trupe denuncia a crise habitacional e a tecnologia de vigilância em *Ripple Effect*. Enquanto *Freedomland* (2015) retoma o Black Lives Matter e protesta contra o racismo institucionalizado e a violência policial, *Schooled* critica a privatização do sistema educacional norte-americano.

Com a eleição de Donald Trump, ele assina o muro na fronteira entre

Estados Unidos e México (promessa de campanha) logo após assumir o cargo. A construção da “Parede de Trump” iniciou-se em 2018. Xenofobia e declaração de guerra aos imigrantes são discutidos em *Walls*, peça de 2017. O revezamento de partidos no poder parece não mudar o sistema corrupto do capitalismo. Eis o motivo da desilusão de Bob na peça *Seeing red: a time-traveling musical* (2018) com os dois anos iniciais do mandato de Trump. Bob, que antes era eleitora de Obama, votou no republicano e se arrependeu. Para a trupe, então, a solução é o socialismo. Entretanto, a força do capital é mais forte: os piratas de *Treasure Island* (2019) são os representantes das corporações e seus saques e pilhagem.

São os trabalhadores os primeiros a serem saqueados em um sistema em que o capital detém o poder. Quando o mundo passou pela pandemia de COVID-19, as pessoas foram obrigadas a ficar reclusas em suas casas. Os impactos estão longe de desaparecer, pois o capitalismo nunca perdoou os mais pobres. Eis os temas apresentados nas “peças radiofônicas” (*radio plays*) de *Tales of the resistance 2020* e *Tales of*



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

the resistance volume 2: Persistence (2021).

Os dez episódios de *Tales of the resistance 2020* dividem-se em quatro gêneros (detetive noir, aventura, terror e ficção científica), mas o vilão é o mesmo: a doença do capitalismo, representada nas demissões, subempregos, uberização do trabalho, manipulação de opiniões pelas grandes corporações e pela mídia *mainstream*, e mercantilização da ciência (vacina para lucros financeiros). O décimo episódio, intitulado “O Fim do Começo (Parte 2)”, mostra todas as personagens da classe trabalhadora dos nove episódios anteriores decepcionadas com os Estados Unidos. A solução seria a revolução, não deixar mais os interesses dos patrões capitalistas se sobressair sobre a vontade do povo.

O povo protestou contra o trumpismo na eleição de 2020. As críticas ao seu governo são reverberadas nos episódios de *Tales of the resistance volume 2: Persistence* ao desmascarar os discursos fascistas da direita estadunidense. O desfecho é o mais triste possível, pois a realidade não mudou: as mortes por COVID-19 arrasaram milhares de famílias; muitos acreditam nas hipocrisias contadas pela imprensa capitalista;

opressão, racismo e homofobia não deixaram de existir; os trabalhadores não tomaram os meios de produção; e os Estados Unidos precisam, mais do que nunca, de educação, liberdade, empregos, justiça e habitação.

Tais desejos dos norte-americanos tampouco foram atendidos no atual governo de Joe Biden. *Back to the way things were* (2022) lida com o pós-pandemia, mas no musical há os questionamentos de ‘será que o mundo consegue voltar ao normal?’ e ‘mas, mesmo se sim, o que é o normal?’. Mais do que o mero ponto de não usar mais máscaras, a pandemia ajudou a agravar certos problemas sociais que não são nada “normais”, tais como as famigeradas dívidas estudantis dos universitários norte-americanos. Entretanto, os efeitos nefastos do capitalismo (como o uso de drogas e os sem-teto nas ruas de São Francisco e do mundo) parecem ter sido normalizados pelas pessoas, que não percebem como a sua saúde mental pode ficar afetada: eis *Breakdown* (2023).

Em 2024 a trupe apresentou a peça *American Dream* em que alertou para um panorama sombrio (um “pesadelo estadunidense”) caso Trump fosse reeleito, o que de fato ocorreu meses depois.



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

***Doing Good*: o imperialismo neoliberal da guerra do Vietnã à guerra do Iraque de George W. Bush**

O pesadelo ocorreu também antes (no governo de 2001 a 2009 do republicano George Filho) e é retratado em ***Doing Good***, com roteiro escrito por Erin Blackwell, Jeffrey Carneiro, Keiko Shimosato Carreiro, Ellen Callas e Joan Holden, música de Pat Moran e Jason Ditzian, letra de Amos Glick e letra e música de Bruce Barthol, dirigida por Victor Toman e encenada por Lisa Hori-Garcia, Noah Butler, Michael Gene Sullivan, Christian Cagigal, Keiko Shimosato Carreiro, Brian Rivera e Michael Carreiro.

Doing Good, dividida em prólogo, ato 1 com 3 cenas, atos 2 e 3 com cinco cenas cada, inspirada em ***Confessions of an Economic Hit man*** (2004), biografia de John Perkins, traz uma análise do mascaramento dos interesses das grandes corporações ao **ajudar** países estrangeiros. De uma análise política sofisticada, a peça traz um panorama da crueldade do imperialismo estadunidense desde a década de 1970 até o início do século XXI, com referências à lógica do lucro do capitalismo, golpes de Estado apoiados pelos norte-

americanos, empréstimos a países como a Indonésia e o Panamá no mundo pós-colonial e alusões à invasão do Iraque em 2003.

A peça inicia-se com cartazes (recursos épicos) com frases sobre fatos históricos relevantes para o entendimento da história do imperialismo estadunidense:

AVISO: PEÇA HISTÓRICA.
E.U.A. LUTOU A SEGUNDA
GUERRA MUNDIAL PARA
LIBERTAR TODAS AS
NAÇÕES.
EM 1946 AJUDOU A FRANÇA A
RECOLONIZAR O VIETNÃ.
1954 - NÓS ASSUMIMOS A
GUERRA DA FRANÇA
1965 - 200.000 TROPAS DOS
ESTADOS UNIDOS NO VIETNÃ

É exatamente a Guerra do Vietnã o ponto de partida da peça, com o Prólogo e a Cena 1 do Ato I, ambientado em Boston, em 1968, quando as personagens principais, James e Molly (o casal de namorados até então com os ideais dos movimentos dos anos sessenta), descobrem que James tinha sido convocado a servir no serviço militar. Para fugir do alistamento, os dois decidem se casar para juntar-se ao Corpo da Paz. Nesta Cena 1, as referências à Guerra do Vietnã lembram a Ofensiva Tet de 30/01/1968:

VOZ NA TV



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

Forças vietcongs e os vietnamitas do norte lançaram uma onda de ataques massivos e coordenados em cidades por todo o Vietnã do Sul. De Hue a Saigon, tropas dos E.U.A. foram pegas de surpresa. Em Saigon à esta hora, a recém-inaugurada embaixada dos Estados Unidos está em chamas. Dentro do complexo, fuzileiros navais afastam ataques suicidas.

e mostram a crueldade estadunidense e a diferença bélica entre a grande potência e o pequeno país asiático:

MOLLY

Diferente dos americanos que queimam a carne das crianças com napalm, desfolha a selva, e joga bombas em diques para que as pessoas morram de fome? Assassinos!

[...]

É mais corajoso lutar descalço em um arrozal do que bombardear repetidamente a 10 mil pés de altura!

A Cena 2 do Ato I já se passa em uma vila (cujo nome é Pobre) na Bacia Amazônica do Equador em 1971:

~ Cartaz~

EQUADOR TROCOU DE GOVERNO 86 VEZES DESDE A INDEPENDÊNCIA EM 1830. NÓS AJUDAMOS FREQUENTEMENTE

~ Cartaz~

O AUGUE DA EXPORTAÇÃO DE BANANA DESAPARECE: A ECONOMIA VAI À FALÊNCIA

~ Cartaz~

EMPRESAS DOS EUA GANHAM DIREITOS AO PETRÓLEO

Enquanto James, o gringo norte-americano, está preocupado em construir uma escolinha e montar um time de futebol para as crianças, o casal equatoriano Jaime e Lucia está sofrendo com a ganância de políticos locais: o cínico senador Calderon mandara assassinar o veterinário que estava a caminho do pequeno rancho de Jaime e Lucia para o nascimento de um bezerro. Como o profissional não chegou a tempo, mais um bezerro nasceu morto. Criou-se mais um obstáculo para a difícil vida desse casal equatoriano, que teve de posteriormente vender o seu pedaço de terra a um preço irrisório para o astuto senador (que sabia que lá havia petróleo). Jaime e Lucia não tiveram outra alternativa a não ser migrar para a cidade, passando a morar com os seus filhos, em um barraco numa favela nos arredores de Quito.

Ray, o tio de Molly, após se tornar vice-presidente de uma multinacional de sede estadunidense, explica a James a **função** das grandes corporações e o que a sua empresa faz no Equador:

RAY

Vocês estão olhando para o novo vice-presidente de relações exteriores da companhia de desenvolvimento GainCorp. Nós construímos barragens, usinas



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

hidrelétricas, redes elétricas, estradas. (brincando com a MOLLY) Sabe o que vai melhorar as vidas dos pobres? Empreendimento capitalista – homens gananciosos tentando ganhar dinheiro. Esta é a força motora, mudança fundamental.

MOLLY

É ... pra quê? (*gesticulando, ela derrama sua bebida*) Droga! Já volto.

MOLLY *sai*

JAMES

O que a “GainCorp” está construindo no Equador?

RAY

Pedaço do oleoduto Trans Andino. Vai ser um monte de petróleo se movendo daquelas montanhas. Estou aqui para convencer el Presidente que os petrodólares poderiam iniciar a modernização.

O quinto mandato de José María Velasco Ibarra no Equador foi de 1968 a 1972. Na peça, apenas a sua voz aparece no rádio e seu discurso era contra o endividamento do Equador com construção de infraestrutura para o petróleo por empresas estrangeiras de capital estadunidense:

VOZ DE VELASCO

(*em espanhol*)

Os ianques nunca irão nos esmagar com golpes financeiros. Nós não devemos nos encolher quando eles agitam o seu big stick! Se não houver justiça para o Equador, não haverá paz! O imperialismo norte-americano deve acabar!

Quando o governante estrangeiro não serve mais à elite estadunidense e ao capital internacional, uma junta pró-Estados Unidos toma o país e ele é exilado e descartado do jogo político. Esse jogo é comandado pela elite do poder, que são os executivos chefes das grandes corporações e os muito ricos: “Eles operam a máquina do Estado e reivindicam suas prerrogativas. Eles dirigem a instituição militar. Eles ocupam os postos de comando estratégico da estrutura social, na qual estão agora centrados os meios efetivos de poder e a riqueza e a fama da qual eles desfrutam. (MILLS, 2000, p. 4, tradução nossa).

Enquanto a elite se regozija, o povo padece. Na canção **Grande notícia** da Lucia, há a menção aos malefícios do capitalismo imperialista norte-americano, no qual as grandes corporações ganham dinheiro em detrimento do sofrimento do povo equatoriano:

GRANDE NOTÍCIA, ADIVINHA
QUEM SE FERROU DE NOVO?

[...]

EU ALIMENTO O GADO, VOCÊS
COMEM A CARNE

EU CORTO A CANA DE AÇÚCAR,
VOCÊS COMEM O DOCE

O FUNDO É O FUNDO

E O TOPO É O TOPO

E O TOPO TEM TUDO QUE O
FUNDO NÃO TEM.



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

Outro povo que penou nas garras do imperialismo estadunidense foi o indonésio. O Ato II menciona a corrupção de políticos locais que endividaram o país na década de 1970 com empréstimos milionários para a construção de barragens que inundam milhares de hectares de terras, empobrecendo ainda mais a população (que sobrevive de subempregos). Thompkins, o engenheiro que acompanha James (depois que o último aceitou o convite para ser um assassino econômico), explica bem a situação dos países que são alvo do imperialismo estadunidense:

O que você acha que de fato acontece quando as barragens e as pontes estão todas brilhantes, novas e construídas, e o maldito país não consegue pagar de volta os empréstimos?

Eles nunca se livram da dívida! ... E então *whoosh* - vem voando o FMI ... Nós te ajudaremos - com uma condição. Liberte seu mercado... deixe as empresas estrangeiras entrarem. Proteja-se ... deixe os Estados Unidos construir bases militares ... Sim. O FMI vai dizer a esse país atrasado como amarrar os seus cadarços e quando defecar! Os empréstimos são uma armadilha, e nós a montamos, você e eu.

A Indonésia, aliás, já havia penado com a intervenção estadunidense na década anterior, pois o presidente Sukarno embarcou em uma série de políticas anti imperialistas, como a

nacionalização de empresas petrolíferas em 1964, enfurecendo investidores estrangeiros. Resultado: em 1965, a CIA ajudou no golpe para derrubar Sukarno e colocar o ditador Suharto - totalmente pró-Estados Unidos - no poder, com o famigerado massacre de quinhentas mil pessoas.

Intervenções norte-americanas acontecem em todo o mundo. As no Panamá são retratadas na Cena 1 do Ato III:

~Cartaz~
PANAMÁ SEPAROU-SE DA
COLÔMBIA EM 1903, APOIADO
PELOS E.U.A.

Em 1904 CONCORDA QUE OS
E.U.A. DEVERIAM CONSTRUIR
UM CANAL.

~Cartaz~
EUA CONTROLAM O CANAL DO
PANAMÁ.

~Cartaz~
TORRIJOS NEGOCIA NOVO
TRATADO DO CANAL; GANHA
SOBERANIA.

A popularidade de Omar Torrijos (líder panamenho de 1968 a 1981) recaía exatamente na defesa da soberania nacional sobre o Canal do Panamá. A sua ousadia em desafiar a oligarquia nacional e os interesses estadunidenses custou-lhe a própria vida: "TORRIJOS MORRE EM UM MISTERIOSO ACIDENTE AÉREO".

Isso significa que quem não faz o jogo do imperialismo



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

estadunidense é retirado do cenário político, tal como o premiê iraniano Mohammad Mossadegh. Ao nacionalizar o petróleo em 1953, o primeiro-ministro foi derrubado pelo golpe orquestrado pela CIA. O Xá Mohammad Reza Pahlavi, reinstalado no poder, trouxe de volta as empresas petrolíferas estrangeiras. Em 1978-1979, anos das Cenas 3 e 4 do Ato III, a Revolução Iraniana (uma revolução popular) aboliu a monarquia pró-Estados Unidos e a nova república islâmica instalou o aiatolá Ruhollah Khomeini como líder.

Farivar, o ex-amigo de James, explica o funcionamento imperialista estadunidense:

Vocês [os norte-americanos] fingem ser amigos do Terceiro Mundo. Vocês nos prometem progresso. Nós sempre dizemos que os americanos são ingênuos, mas vocês são realmente muito espertos. Vocês querem o nosso petróleo. Vocês querem bases militares estratégicas. Vocês querem um governo que faça o que vocês disserem.

[...]

Vocês nos vendem coisas que não precisamos e nos emprestam dinheiro que não podemos pagar, até que somos forçados a abdicar de nossa soberania. Essa é a sua ajuda externa.

[...]

Vocês nos prendem em dívidas, para nos escravizar. Se isso falhar, vocês derrubam nossos líderes. Se isso não funcionar, vocês os assassinam. Se

nós ainda resistirmos, vocês mandam seus exércitos para nos destruir, e chamam isso de liberação.

James, já divorciado de Molly, morre depois de ter sido sequestrado durante a Revolução Islâmica. Molly, em 2005, ainda preocupada com questões dos países do Terceiro Mundo, lidera um protesto na capital dos Estados Unidos contra a dívida externa desses países que é simplesmente impossível de ser paga. Anos passam, mas a política externa estadunidense continua a mesma. A diferença é que o imperialismo do governo Bush (das guerras no Afeganistão e no Iraque) não é mais tão velado quanto o de governos anteriores:

~Cartaz~ /E.U.A., POR ANOS DEPOIS DO VIETNÃ, LUTOU GUERRAS POR PROCURAÇÃO. /HOJE, A BRIGA VAI ROLAR SOLTA.

A briga é por lucros. A mentira do capitalismo reside na representação do império como provedor da paz, da estabilidade, da justiça e da ordem, quando, na verdade, as atitudes do governo Bush foram totalmente imperiais: tributos para os pobres, expropriação da terra, exploração dos recursos naturais, trabalho



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

barato e pilhagem (PARENTI, 2011). Na busca incessante do papel como arquiteto único do sistema capitalista global (AHMAD, 2004, p. 48), os Estados Unidos de Bush combinaram apoio à exportação e reprodução de capital com o aprofundamento da expansão das corporações multinacionais para fora (PANITCH; GINDIN, 2013). Usando a escusa de princípios (valores como liberdade e democracia), os Estados Unidos, para defender os seus interesses capitalistas, conseguem acessar as economias/os mercados de outros países (LAYNE, THAYER, 2007, p. 6). Eis o sistema neoliberal vigente desde a década de 1980, em que guerra significa negócios, que implicam em operações financeiras, movimentando a máquina do capital.

A peça encerra-se com a canção “UMA NAÇÃO TORNA-SE CRUEL”. A nação mencionada, os Estados Unidos, é impiedosa quando não obtém os lucros desejados: os que têm muito (os grupos dominantes: a elite e o governo estadunidenses, as oligarquias, os poderosos locais e as grandes corporações) não se preocupam com os que têm pouco ou nada (a população que sofre com a pilhagem do imperialismo

estadunidense). Na música, há a afirmação de que devemos aprender com a história e há o pedido de mudança, no qual os países pobres e em desenvolvimento (o “fundo”) devem dar um basta ao imperialismo neoliberal dos Estados Unidos (o “topo”):

O QUE A HISTÓRIA ENSINA É
FREQUENTEMENTE DIFÍCIL DE
VER,
VOCÊ NÃO ACHARÁ A
FLORESTA SE VOCÊ CORTAR AS
ÁRVORES.
O FUNDO É O FUNDO, E O TOPO
É O TOPO
POR QUANTO TEMPO O FUNDO
VAI CONCORDAR EM NÃO TER?
[...] QUANDO O FUNDO DIRÁ
PAREM?
O FUNDO DIZ PAREM!

A crítica social presente em *Doing Good* proporciona ao leitor/espectador não só uma série de ponderações acerca dos interesses dos grandes bancos e multinacionais, mas também importantes reflexões sobre a relação entre império, democracia e capitalismo. O mundo, infelizmente, sob esse violento sistema de defesa e de reprodução do capital, não escapou da nefasta integração comercial e financeira (PEREIRA, 2018) dos grupos dominantes do imperialismo estadunidense. A peça alerta para a necessidade de transformação



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

dessa triste, funesta e injusta realidade.

Considerações finais

O fato de ter ganho vários prêmios como Obie em três ocasiões, o Tony em 1987 e o Certificado de reconhecimento do Estado da Califórnia em 2009 mostra o quão reconhecido é o grupo, mas o que o torna extremamente relevante no cenário teatral é a sua sátira política, com observações argutas da realidade contemporânea.

O San Francisco Mime Troupe não trabalha com teatro que não historiciza e entende teatro como ferramenta para analisar a sociedade à sua volta e com a necessidade de pensar criticamente os Estados Unidos. SFMT é um exemplo de que ainda existe teatro político na atualidade, que pretende comentar e intervir na realidade (DAVIS, HOLDEN, 1970; SAAL, 2007, p. 26).

Suas peças chamam atenção por contar as verdades por trás das

narrativas de liberdade e democracia durante o governo de George W. Bush (2001-2009). *Doing Good*, em especial, desmascara a crueldade do imperialismo estadunidense: remetendo ao panorama desde a década de 1970 até o início do século XXI, a trupe, por exemplo, fala dos interesses financeiros das grandes corporações ao “ajudar” países estrangeiros, da lógica do lucro do capital, dos golpes de Estado apoiados pelos americanos e faz alusões à invasão do Iraque em 2003 e às especificidades do imperialismo atual.

A contemporaneidade das críticas é inigualável, pois até hoje os Estados Unidos intrometem-se em guerras externas (como a da Palestina e a da Ucrânia). Nota-se que o neoliberalismo e o imperialismo estadunidense não respondem aos anseios de nenhum povo, demonstrando a importância de San Francisco Mime Troupe para o teatro político hodierno.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AHMAD, Aijaz. Imperialism of our time. **Socialist Register 2004**, London: The Merlin Press, Vol. 40, p. 43-62.
- ALENCAR, Thiago Romão de. “No good, brave causes left”?: **O Fim do Império e o Teatro de John Osborne na Inglaterra dos Anos 1950**. 2015. 197 f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, 2015.
- BARSHAK, Jackie. San Francisco Mime Troupe Arrested: historical essay. Disponível em: https://www.foundsf.org/index.php?title=San_Francisco_Mime_Troupe_Arrested, acesso em 20 nov. 2020.
- BLAU, Herbert. **Programming Theater History: The Actor's Workshop of San Francisco**. Londres: Routledge, 2013.
- BLUMENTHAL, Eileen. **Joseph Chaikin: exploring at the boundaries of theater**. New York/Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- BOCHIXIO, Lucimara Bauab. **Three Tall Women, de Edward Albee: autobiografia ou crítica à sociedade norte-americana?** 2007. 70 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CHERNICK, Howard; RESCHOVSKY, Andrew; NEWMAN, Sandra. The effect of the housing crisis on the finances of central cities. Disponível em: <https://www.lincolnst.edu/pt-br/publications/working-papers/effect-housing-crisis-finances-central-cities>, acesso em 24 jan. 2024.
- DAVIS, R.G.; HOLDEN, Joan. **Guerrilla theater essays: 1**. San Francisco: San Francisco Mime Troupe, Inc., 1970.
- DAVIS, R.G. **The San Francisco Mime Troupe: the first ten years**. Palo Alto, California: Ramparts Press, 1975.
- FLUCK, Winfried. Crime, guilt, and subjectivity in “film noir”. In: **Amerikastudien/ American Studies**, Vol. 46, No. 3, 2001, Heidelberg, Alemanha, Universitätsverlag Winter, p. 379-408.
- FREIXO, Gustavo Montalvão. **Sob a sombra do Apocalipse: o medo do fim do mundo nas revistas em quadrinhos da Guerra Fria reaganista (1980-1989)**. Dissertação (Mestrado em História). 2016. 216 f. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2016.
- FRIEDMAN, Daniel. A Brief Description of the Workers’ Theatre Movement of the Thirties. In: McCONACHIE, Bruce A.; FRIEDMAN, Daniel (Eds.) **Theatre for Working-Class Audiences in the United States, 1830-1980**. Connecticut: Greenwood Press, 1985. p. 111-120.
- GOLDSTEIN, Malcolm. **The Political Stage: American Drama and Theater of the Great Depression**. New York: Oxford University Press, 1974.
- GUERNSEY Jr., Otis L. (ed.). **Directory of the American theater, 1894-1971** (Best plays theater yearbooks; titles, authors, and composers of Broadway, off-Broadway, and off-off Broadway shows and their sources). New York: Dodd, Mead & Co., 1971.
- GUEVARA, Ernesto Che. **La guerra de guerrillas**. Santiago, Chile: Libertad Ediciones, 2015.
- HARVEY, David *et al.* **Occupy: Movimentos de protesto que tomaram as ruas**. Tradução de João Alexandre Peschanski *et al.* São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

ILARI, Mayumi Denise Senoi. Rumos do teatro norte-americano: continuidades e contradições em duas de suas principais companhias de teatro de vanguarda, na cena contemporânea. **Pitágoras 500**, Revista de Estudos Teatrais, Campinas, n. 06, abr. 2014, p. 58-74. Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/pit500/article/view/188/183>>. Acesso em: 03 ago. 2017.

_____. **Teatro político e contestação no mundo globalizado: o Bread & Puppet na sociedade de consumo**. 2007. 218 f. Tese (Doutorado em Inglês). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

JOXE, Alain. **Empire of Disorder**. Tradução de Ames Hodges. Los Angeles: Semiotext(e), 2002.

LAGES, Leonardo Samarino. **Modos de presença no teatro tardio de Samuel Beckett**. 2019. 184 f. Tese (Doutorado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

LAYNE, Christopher; THAYER, Bradley A. **American Empire: a debate**. New York: Routledge, 2007.

LEITE, André Luiz. **O zoológico existencialista de Edward Albee**. 2006. 153 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários). Faculdade Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2006.

LIMA, Eduardo Luís Campos. Movimento de teatro radical nos EUA em 1968: uma articulação impossível. In: **Revista Aspas**, Vol.8, n.2, 2018, p. 98-108.

LOZANO, Pedro Galán. The Counterculture on Stage: Radical Theater and the Reclamation of the Public Space in 1960s San Francisco. In: **Journal for the Study of Radicalism**, [Vol. 12, No. 2 \(2018\)](#), Michigan State University Press, p. 35-54.

MAINWARING, Scott. EUA: a guinada à direita. Jun 1986. In: **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, 3 (1), 16 Mar 2011, tradução de Gila Eitelberg Azevedo. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/CWzKbCFfQhKMyGWyf5DwdLq/?lang=pt>, acesso em 20 dez. 2023.

MASON, Susan Vaneta (ed.). **The San Francisco Mime Troupe Reader**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 2005.

MILLS, C. Wright. **The Power Elite**. New York: Oxford University Press, 2000.

NEVES, André Luiz Varella. **Governo George Walker Bush (2001-2004): uma análise geopolítica das Guerras do Afeganistão e do Iraque**. 2010. 285 f. Tese (Doutorado em Ciência Política). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Marta Ramos. **The politics of memory in Harold Pinter's *Ashes to Ashes***. 1999. 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

OLIVEIRA, Ronaldo A. de. **Teatro Campesino & Black Revolutionary Theatre: ruptura, inovação e transformação**. 2009. 181 f. Tese (Doutorado em Inglês). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Ubiratan Paiva de. **Harold Pinter, cinema e literatura: os limites da realidade**. Tese (Doutorado em Literatura Comparada). Instituto de Letras, Universidade Federal Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

ORENSTEIN, Claudia. **Festive Revolutions: the politics of Popular Theater and the San Francisco Mime Troupe**. Mississippi: University Press of Mississippi, 1998.



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem
Nº 1 Ano I dez/2024
ISSN 3085-7309

- PANITCH, Leo; GINDIN, Sam. **The making of global capitalism: the political economy of America**. London and New York: Verso, 2013.
- PARENTI, Michael. **The face of imperialism**. New York: Routledge, 2011.
- PERKINS, John. **Confessions of an Economic Hit man**. San Francisco: Berrett-Kochler Publishers, 2004.
- _____. **A história secreta do império americano**. Tradução Marta Rosas. São Paulo: Cultrix, 2008.
- PIETERSE, Jan Nederveen. **Globalization or empire?** New York: Routledge, 2004.
- PINHEIRO, Graziela M.L. **El Teatro Campesino: experiências formais e reflexões políticas em cena**. 2008. 236 f. Tese (Doutorado em Inglês). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ROSENFELD, Anatol. **O Teatro Épico**. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- SAAL, Ilka. **New Deal Theater: the vernacular tradition in American political theater**. New York: Palgrave Macmillan, 2007.
- SAN FRANCISCO MIME TROUPE. **By popular demand**. San Francisco: San Francisco Mime Troupe, Inc., 1980.
- _____. Doing Good. In: **The Plays of The San Francisco Mime Troupe 2000-2016: the Bush/Obama years**. San Francisco: San Francisco Mime Troupe, Inc., 2017 [2005]. p. 388-453. Disponível em: <www.sfmt.org>. Acesso em: 31 out. 2018.
- _____. **The Plays of The San Francisco Mime Troupe 2000-2016: the Bush/Obama years**. San Francisco: San Francisco Mime Troupe, Inc., 2017. Disponível em: <www.sfmt.org>. Acesso em: 31 out. 2018.
- SANTOS, Felipe Augusto de Souza. **Poética do fracasso: dramaturgia e encenação no teatro de Samuel Beckett**. 2015. 166 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). São Paulo: PUC, 2015.
- SANTOS, Thierry Vieira dos. **'If you take the glass...': uma releitura da peça *The Homecoming*, de Harold Pinter**. Dissertação (Mestrado em Letras). 2017. 137 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- _____. ***The Dwarfs: a origem do pinteresque e do teatro de Harold Pinter***. Tese (Doutorado em Letras). 2023. 174 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.
- SHANK, Theodore. **Beyond the boundaries: American alternative theatre**. Michigan, Ann Arbor/The University of Michigan Press, 2002.
- SOUZA, Jonathan Renan da Silva. ***Serjeant Musgrave's Dance* de John Arden e o teatro épico do pós-guerra britânico: um estudo comparativo com *Mãe Coragem e Seus Filhos* de Bertolt Brecht**. Dissertação (Mestrado em Letras). 2019. 146 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.
- TORRES, Sergio. Filmes noir, a Hollywood das sombras, do sarcasmo e das mulheres fatais. In: **Revista Fórum**, Rio de Janeiro, n.71, ano 22, jul.- set.2022, p. 32.
- TRUSSLER, Simon. "The Plays of John Whiting". In: **The Tulane Drama Review**. [Vol. 11, No. 2 \(Winter, 1966\)](#). Cambridge University Press, p. 141-151.
- VASCONCELLOS, Cláudia Maria de. **Figuras infernais no teatro de Samuel Beckett**. Tese (Doutorado em Letras). 2009. 134 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.
- ZEMINIAN, Paulo de Tarso. **Performance de rua: ativismo com bonecos gigantes**. Tese (Doutorado em Artes). 2022. 283 f. Interunidades em Estética e História da Arte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.



IMAGENS EM FOCO

Revista Científica de Cultura e de Imagem

Nº 1 Ano I dez/2024

ISSN 3085-7309

Filmes:

Mr. SMITH Goes to Washington [A mulher faz o homem]. Diretor: Frank Capra. Estados Unidos: Columbia Pictures Corporation, 1939. DVD, NTSC, p/b.

Revolução dos hippies [gravação de vídeo]. Direção: Edgar Beatty. Brasil: Magnus Opus, 2008. 1 DVD (75 min.).